

INTERFACE ENTRE BDSM E RACISMO: REFLEXÕES A PARTIR DOS CONCEITOS DE ESTEREÓTIPOS E FETICHE DE STUART HALL

TATIANE BORCHARDT DA COSTA¹; MIRIAM CRISTIANE ALVES²

¹Universidade Federal de Pelotas – thatty899@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – oba.olorioba@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O BDSM pode ser definido como uma sigla que representa várias práticas e expressões eróticas, ou seja: Bondage e Disciplina (B/D), Dominação e submissão (D/s) e Sadismo e Masoquismo (S/M) (ARRAES, 2014). FREITAS (2012, p.29) classifica o BDSM como a junção de “diversas práticas sexuais/eróticas que envolvem prazer e poder em contextos consensuais” e/ou “sexualidades dissidentes”, termo utilizado, segundo a autora, por RUBIN GAYLE (1989) para classificar as sexualidades consideradas marginalizadas (FREITAS, 2012, p. 30).

FOUCAULT (1980) nos apresenta a sexualidade como um dispositivo criado a partir de uma *scientia sexualis* que se desenvolveu ao longo do século XIX. O autor refere que, a partir desta prática discursiva da “verdade sobre o sexo”, a sexualidade humana se definiu como um campo de domínio e intervenção, como “palavra obscura que é preciso, ao mesmo tempo, desencavar e escutar” (p. 66). Um exemplo de regime de verdade produzido na relação entre conhecimento e poder é abordado pelo sociólogo jamaicano STUART HALL (1997) quando faz referência à história de Saartje Baartman, mulher negra sul-africana que foi observada, examinada, classificada e dissecada em nome da ciência, ou seja, “pelo conhecimento objetivo, pela evidência etnológica e em busca da Verdade” (p. 268)¹.

A crítica ao conhecimento científico que se pretende hegemônico e universal é desenvolvida por autores do pensamento descolonial, dentre eles MIGNOLO (2002) e QUIJANO (2005), a partir de conceitos como geopolítica do conhecimento e colonialidade/eurocentrismo, respectivamente. Tais conceitos discutem as relações de poder e saber que hierarquizam conhecimentos e sujeitos que não respondem a um “padrão mundial de poder capitalista, colonial/moderno, eurocentrado” (QUIJANO, 2005, p. 9).

Em se tratando do BDSM e das relações de poder, LORDE (1982, p.4) ao falar sobre a dinâmica S/M ressalta que “o Sadomasoquismo é uma celebração institucionalizada das relações de dominante/dominad*s”. Ele nos prepara para “aceitar a subordinação ou para reforçar a dominação” nas esferas política, social e econômica.

A partir de discussões e práticas em torno das relações de saber e poder que constituem o BDSM, o presente estudo tem como objetivo analisar o modo como o corpo negro é apresentado em produções sobre o BDSM a partir dos conceitos de estereótipo e de fetiche de Stuart Hall.

2. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa documental, qualitativa, exploratória (GIL, 2008). Para a construção do *corpus* de análise foram eleitas cinco produções que, direta

¹ No original: “[...] it is all being done in the name of Science, of objective knowledge, ethnological evidence, in the pursuit of Truth”.

ou indiretamente, abordam a interface BDSM, raça e relações de poder: O livro “120 Dias de Sodoma” (SADE, 1985); o texto “Sexo com Mulheres Negras e Submissas” (FIGUEIREDO, 2013); a entrevista “Sadomasoquismo na Comunidade Lésbica” (LORDE, 1982); a publicação “Where your gag comes from: BDSM is erotization of ancient torture” (BINKA, 2013); e o artigo “Unconventional sexual behaviors and their associations with physical, mental and sexual health parameters: a study in 18 large Brazilian cities” (OLIVEIRA JÚNIOR, 2010).

O processo de análise dos documentos parte dos conceitos de estereótipo e fetiche apresentados por HALL (1997), que serão aprofundados a seguir.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

HALL (1997) define o estereótipo como prática representacional e/ou de produção de significados, tal prática utiliza-se de um conjunto de características sobre determinada pessoa, “reduzem-na a estes traços, os quais são exagerados, simplificados e fixados sem possibilidade de mudança (...)” (p. 258). Neste sentido, o autor afirma que a estereotipização “reduz, essencializa, naturaliza e fixa a ‘diferença’” (p.258)². A estereotipização baseia-se, ainda, em uma estrutura dicotômica, ao passo que também acontece de forma ambivalente e em situações onde há marcante inequidade nas relações de poder. Às pessoas negras, por exemplo, o autor exemplifica a aplicação dos estereótipos de “infantilização e hipersexualização” (p. 263), extremos opostos que as representam ao mesmo tempo, fixando-as na diferença.

O conceito de fetiche, segundo HALL (1997), traz a discussão dos estereótipos a uma dimensão sexual de fantasia e projeção, desejo e repúdio, basicamente, significa transformar em objeto/objetificar, seria a ‘redução da redução’, como no caso de Saartje Baartman, já que “ela foi reduzida ao seu corpo e seu corpo, por sua vez, foi reduzido aos seus órgãos sexuais” (HALL, 1997. p. 266)³.

O livro de SADE (1985) caracteriza-se como um conto erótico que explana sobre a história de quatro personagens, postos como homens libertinos e vis que obtém prazer de práticas sádicas, torturas e assassinatos, ditos suas ‘paixões’. Na terceira parte do livro, a ‘paixão’ número 19 é dita como a de um homem que: “Só enraba monstros, ou negros ou pessoas deformadas” (SADE, 1985, p. 298). Há aqui uma ilustração da estereotipização e fetichização do negro, corroborando com o que FANON (2008) refere sobre a fragmentação de si “através de gestos, atitudes, olhares” (p.103) do outro – o branco. No entanto, FANON (2008) conclui de forma assertiva que “de modo algum minha cor deve ser percebida como uma tara” (p. 82), sendo ele próprio um homem negro.

No texto publicado em seu blog, FIGUEIREDO (2013) comenta sobre uma polêmica que se instaurou em torno de um evento na rede social *Facebook* que tratava de uma festa universitária cuja temática eram fetiches, dentre os quais continha a palavra: ‘inter-racial’. O autor aponta um dos argumentos das pessoas que defendiam a publicação do evento: a individualização da conduta, na qual este tipo de atitude estaria pautada na vontade individual de alguma pessoa negra de se colocar como submissa e hipersexualizada. Ele salienta, ainda, que “o

² No original: Stereotypes get hold of the few ‘simple, vivid, memorable, easily grasped and widely recognized’ characteristics about a person, reduce everything about the person to those traits, exaggerate and simplify them, and fix them without change or development to eternity. [...] stereotyping reduces, essentializes, naturalizes and fixes ‘difference’. (HALL, 1997. p. 258)

³ No original: She was reduced to her body and her body in turn was reduced to her sexual organs.



indivíduo não eclipsa o coletivo” de modo que “uma conduta individual não legitima reforçar um estereótipo que afeta milhões, de forma negativa e violenta”. Toda esta discussão questiona a possibilidade de reprodução de estereótipos sobre pessoas negras no âmbito das redes sociais, como a “natureza” submissa e hipersexualizada comentada por HALL (1997) associada a essas pessoas.

LORDE (1982) comenta que as duplas S/M e D/s do BDSM representam a reprodução institucionalizada de uma relação díspar de poder, contexto em que há espaço para a produção de estereótipos, conforme refere HALL (1997). LORDE (1982) afirma que o “sadomasoquismo alimenta a crença que a dominação é inevitável” (p.4), ou seja, ele fixa esta característica em determinadas pessoas, naturalizando-a. Em relação ao uso do erótico como poder, em entrevista, LORDE (1984) cita alguns estereótipos sexuais aplicados às mulheres no contexto BDSM: “Supõe-se que mulheres amam ser brutalizadas. É esse também o protótipo que justifica as relações de opressão, onde x subordinadx, aquele que é ‘diferente’, gosta de estar nessa posição inferior” (p. 7). Aqui podemos ver o que HALL (1997) trata sobre o estereótipo ser capaz de “fixar” a diferença, além de corroborar com o argumento citado por FIGUEIREDO (2013) de individualização da conduta.

BINKA (2013), em um site sobre Feminismo Radical, relaciona práticas sexuais atuais presentes no BDSM às formas de tortura utilizada contra negros e negras escravizados no âmbito colonial, por exemplo, a mordada. KILOMBA (2010) faz referência ao uso de tal objeto de tortura como a máscara do silenciamento, por se tratar de uma máscara que é presa à boca, isto é, ao órgão que simboliza o ato de falar e enunciar-se e que, em um contexto racista, “torna-se o órgão da opressão por excelência” (p. 16).

Não obstante, indo ao encontro de FOUCAULT (1980) ao discutir a criação da sexualidade e de HALL (1997) ao abordar a constituição de estereótipos e fetichização sobre a sexualidade de pessoas negras, KILOMBA (2010) nos dirá que “no mundo conceitual *branco*, o sujeito Negro é identificado como o objeto ‘*ruim*’, incorporando os aspectos que a sociedade branca tem reprimido e transformando em tabu, isto é, agressividade e sexualidade” (p. 18-19).

O artigo de OLIVEIRA JÚNIOR (2010) faz um importante panorama entre as práticas sexuais não convencionais encontradas no Brasil e sua relação com a saúde mental, física e sexual. O autor difere os chamados comportamentos sexuais convencionais de comportamentos sexuais não convencionais, representados por preferências diferentes quanto ao seu objeto sexual, a idade do parceiro ou a “natureza” da atividade sexual. Em sua pesquisa, o autor refere que o comportamento sexual não convencional foi mais associado com “gênero masculino; estado civil solteiro e separado; **raça negra e parda** (grifo nosso); nível educacional médio e fundamental” (p.1). Observamos neste exemplo um caráter de produção de *scientia sexualis*, como apontado por FOUCAULT (1980).

A categorização “convencional/não convencional” de OLIVEIRA JÚNIOR (2010) pode ser associada a estrutura binária da produção do estereótipo e por conseguinte possui efeitos na fixação da diferença (HALL, 1997). O fato de que há prevalência de “negros e pardos” traz-nos questionamentos: afinal, por que as práticas sexuais não convencionais estão mais presentes nesta população, segundo esta pesquisa? Há nisso relação com a estereotipização e fetichização da população negra? Ou ainda, com a marginalização de práticas e/ou sujeitos?

4. CONCLUSÕES

As análises preliminares evidenciaram algumas possibilidades de associações entre o BDSM e o processo de fetichização do corpo racializado, reforçando, por vezes, estereótipos sobre homens e mulheres negras.

A estereotipização e fetichização do corpo negro se fez presente nos documentos analisados, ora por meio de questionamentos e ora a partir do reforço dos mesmos.

Embora estejamos na fase inicial de análise dos documentos pesquisados, é importante destacar que buscamos não reproduzir “regimes de verdades”, como refere FOUCAULT (1980), mas sim fomentar a discussão no que tange a relação entre racismo e sexualidade, bem como questionamentos acerca da estereotipização, fetichização e racialização da população negra enquanto “Outros” (KILOMBA, 2010), “dominad*s” (LORDE, 1982) e objetos da sexualidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARRAES, J. Você sabe o que é BDSM?- Parte 1. 2014 Acessado em: 11 mar. de 2018. Online. Disponível em: <http://lugardemulher.com.br/voce-sabe-o-que-e-bdsm-parte-1/>
- BINKA. Where your gag comes from. BDSM is erotization of ancient torture. 2013 Acessado em: 29 ago. de 2018 Online. Disponível em: <http://www.feministes-radicales.org/2013/08/08/where-your-gag-comes-from-bdsm-is-erotization-of-ancient-torture/>
- FANON, F. Pele negra, máscaras brancas. Frantz Fanon; tradução de Renato da Silveira. Salvador; EDUFBA, 2008.
- FIGUEIREDO, F. Sexo com mulheres negras e submissas. 2013 Acessado em: 29 ago. de 2018 Online. Disponível em: <https://xadrezverbal.com/2013/11/13/sexo-com-mulheres-negras-e-submissas/>
- FOUCAULT, Michel. História da sexualidade 1: A vontade de saber. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1980.
- FREITAS, F.R.A. Bondage, dominação/submissão e sadomasoquismo [manuscrito]: etnografia sobre práticas eróticas que envolvem prazer e poder em contextos consensuais. 2012 Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Goiás
- GAYLE, R. Reflexionando sobre el sexo: notas para uma teoria radical de la sexualidade. Tradução Julio Velasco e Maria Angeles Toda. In: Vance, C. s. (Comp.). Placer y peligro: explorando la sexualidadefeminina. Madrid: Talasa Ediciones, 1989.
- GIL, A.C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- HALL, S. Representation: Cultural Representations and Signifying Practices. London: Sage, 1997
- KILOMBA, G. “The Mask” In: Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism. Münster: Unrast Verlag, 2. Edição, 2010.
- LORDE, A. Textos escolhidos de Audre Lorde (Coletânea). Heretica Difusão Lesbofeminista. Edições lesbofeministas independentes. O Sadomasoquismo na Comunidade Lésbica: Uma entrevista com Audre Lorde e Susan Leigh Star (1982)
- _____. Os Usos do Erótico: O Erótico como Poder. (1984)
- MIGNOLO, W. “The geopolitics of knowledge and the colonial difference”. 2002 The South Atlantic Quarterly, v. 101, n. 1, p. 57-95.
- QUIJANO, A. Colonialidad y modernidad-racionalidad. 2005 Acessado em: 31 ago. de 2018 Online. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/36091067/Anibal-Quijano-Colonialidade-e-Modernidade-Racionalidade>.
- SADE, M. 120 Dias De Sodoma. 3º Ed., São Paulo: Editora Aquarius, 1985